
Identidade coletiva: movimentos sociais e transformação das identidades a partir das tecnicidades digitais¹

Ana Lídia Resende PAULA²

Kérley WINQUES³

Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora, MG

RESUMO

O presente trabalho traça uma análise teórica-reflexiva sobre o conceito de identidade coletiva no contexto dos movimentos sociais, com foco nos ativismos em plataformas de mídia social e nos movimentos sociais dataficados (Milan e Beraldo, 2024). Metodologicamente, apresentamos uma pesquisa bibliográfica (Gil, 2002). A discussão aponta para a importância da construção de perspectivas críticas que levem em conta as particularidades da América Latina, a partir das suas identidades, movimentos e resistências.

PALAVRAS-CHAVE: Identidade coletiva; movimentos sociais; movimentos sociais dataficados; América Latina; plataformas de mídia social.

Introdução

Recentemente, casos de mobilização estudantil ganharam destaque nacional e internacionalmente. Em abril de 2024, na Argentina, as ruas foram tomadas em protesto contra cortes orçamentários nas universidades. Em maio, estudantes dos Estados Unidos se organizaram contra a guerra em Gaza e o apoio do presidente Joe Biden a Israel. No mesmo caminho, emergiram por diversos países movimentos pró-Palestina, como o acampamento montado na Universidade de São Paulo (USP). Além do fim da guerra, os estudantes pautavam o rompimento das relações diplomáticas entre o governo federal e Israel. Em junho, estudantes, professores e funcionários da rede de ensino do Paraná ocuparam o espaço físico da Assembleia Legislativa, em meio à votação do Programa Parceiro da Escola, que autoriza a privatização das escolas estaduais.

Nas ruas, universidades, prédios dos poderes institucionais e outros espaços físicos geolocalizados é possível enxergar movimentos organizados, pessoas reunidas

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação para a Cidadania, XIX Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 47º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestranda em Comunicação no Programa de Pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). Bolsista Fapemig. E-mail: ana.lidiaresende@hotmail.com.

³ Orientadora da pesquisa. Professora na Faculdade de Comunicação e no Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Juiz de Fora (PPGCOM/UFJF). E-mail: ker.winqes@gmail.com.

em um objetivo comum, abandonando a individualidade e ocupando espaços públicos de resistência. Por sua vez, nas plataformas digitais, a ocupação é simbólica e sistemática a partir dos perfis pessoais, de políticos, de movimentos sociais e de ativistas que se organizam na cobertura desses atos e em ações de mobilização digital, como, por exemplo, tuitaços.

Ruas e redes parecem cada vez mais alinhadas em narrativa híbrida entre o espaço físico e digital (Castells, 2013; Canclini, 1997; Fontes, 2013). O que os casos citados acima têm em comum é o encontro de elementos unificadores, identidades coletivas que transformam o indivíduo em grupo, pessoas que se juntam a partir das resistências específicas de seus espaços e co-habitam outras esferas. Nem sempre as mobilizações são parte de um movimento social organizado e historicamente construído, podem também ser ações coletivas momentâneas e conjunturais. Nesse sentido, surge a pergunta: para existir movimento, é preciso existir identidade?

Uma revisão bibliográfica (Gil, 2002) nos permite aprofundar de forma teórico-reflexiva a ideia de identidade coletiva e suas contribuições para os estudos de movimentos sociais e, posteriormente, para os movimentos em cenário de dataficação e plataformização. O objetivo deste trabalho é pensar como a identidade individual e coletiva dos sujeitos e as interferências dos meios culturais, sociais e tecnológicos nos permitem avançar os estudos sobre a construção de movimentos na sociedade.

Compreendemos a necessidade de que os conceitos sejam aplicados às especificidades de cada grupo ou local, portanto, é impossível pensar uma identidade coletiva que não leve em conta as individualidades dos sujeitos (Melucci, 1996) frente aos processos de descoberta do agir coletivo. Apresentamos abaixo reflexões sobre a noção de identidade coletiva nos estudos sobre movimentos sociais, as mudanças paradigmáticas na apropriação das plataformas digitais por esses movimentos e sobre a construção de um pensamento que leve em conta a identidade latino-americana.

Movimentos sociais e identidade coletiva

O conceito de movimento social abarca diversas perspectivas de entendimento e análise. Para Touraine (2006), um movimento social se caracteriza através de dinâmicas de conflito e dominação entre sujeitos e se perpetua em contextos culturais que possibilitam o estabelecimento de interação entre grupos com interesses distintos. O

autor destaca ainda que devemos “colocarmo-nos no ponto de vista dos atores, isto é, dos atores que são, ao mesmo tempo, conscientes do que têm em comum, ou seja, dos mecanismos de conflitos e dos interesses particulares que os definem uns contra os outros.” (Touraine, 2006, p. 20). Nesse sentido, é necessário identificar um comum entre um ou mais sujeitos que, juntos, se tornam um grupo capaz de organizar uma ação coletiva e se opor a interesses contrários aos seus.

A organização dos movimentos sociais pode acontecer de diversas maneiras. Mobilizações, manifestações, concentrações, passeatas, atos públicos e, após os avanços tecnológicos, os arranjos também acontecem mediados pelas plataformas de mídia social e contam com a participação de atores que não necessitam coabitar o mesmo espaço territorial para efetivar sua participação. Para Gohn (2011; 2019), movimentos sociais são ações coletivas de caráter sócio-político e cultural, nesse último aspecto, a identidade coletiva é utilizada para observar a socialização do indivíduo em instituições como família, escola e trabalho como elemento relevante para sua identificação e participação política. A autora destaca que a “ênfase em aspectos da cultura leva ao aprendizado nas lutas e confrontos, ao desenvolvimento de identidades e a um acúmulo de suas forças sociopolíticas e culturais.” (Gohn, 2019, p. 70).

Scherer-Warren (2011), por sua vez, propõe a necessidade de traçarmos uma releitura dos movimentos sociais a partir do olhar da América Latina, e assim valorizar os movimentos historicamente esquecidos. Em sua construção teórica, Scherer-Warren (2006) apresenta a noção de rede de movimento social, que diz respeito ao processo de identificação de sujeitos coletivos em torno de valores, objetivos ou projetos em comum. O “Movimento Social, em sentido mais amplo, se constitui em torno de uma identidade ou identificação, da definição de adversários ou opositores e de um projeto ou utopia.” (Scherer-Warren, 2006, p. 113).

Ainda na noção de rede, Castells (2013) articula a participação, a ação coletiva e os movimentos em rede a partir das transformações trazidas pela internet que, segundo o autor, possibilitam que os sujeitos possam se expressar e colocar as suas pautas em evidência de forma autônoma “Os movimentos sociais exercem o contrapoder construindo se, em primeiro lugar, mediante um processo de comunicação autônoma, livre de controle dos que detêm o poder institucional.” (Castells, 2013, :p. 14). Por fim, Melucci (1996) explica que, para que o indivíduo mobilize e se torne coletivo, é

necessário existir uma ação política, mas não necessariamente uma organização historicamente construída:

A ação coletiva, repitamos, não começa necessariamente em organizações, mas em grupos, redes, correntes informais de pessoas inter-relacionadas que não são, portanto, indivíduos isolados, mas fazem, desde já, parte de uma rede. Quando falamos de movimento, este é o nível a que deveríamos nos referir. O que está envolvido aqui é algo mais que indivíduos alimentando questões sociais. (Melucci, 1996, p. 218-219).

Nesse sentido, indivíduos e suas individualidades devem ser reconhecidos a partir das mediações sociais e culturais que vão transformar seus interesses pessoais em coletivos. É preciso um laço, um objetivo, um ideal em comum para haver o encontro entre sujeitos e, assim, uma ação política e coletiva de resistência. A pergunta feita ainda na introdução deste trabalho pode já ter sido respondida até aqui. É impossível falar sobre movimento social ou ação coletiva sem compreender a noção de identidade.

Para isso, Hall (2006) nos ajuda a articular reflexões sobre a importância da identidade coletiva para os movimentos sociais. A identidade cultural é fundamental para essas articulações. “Identidades culturais são os pontos de identificação, os pontos instáveis de identificação ou sutura, que se concretizam dentro dos discursos da história e da cultura. Não são uma essência, mas um posicionamento.” (Hall, 2006, p. 25). Ou seja, a identidade está em constante transformação, é fluida e pode ser construída ou desconstruída dependendo da conjuntura.

Movimentos dataficados: transformação das identidades a partir das tecnicidades

Na perspectiva de pensar os movimentos sociais no ambiente dataficado, Milan e Beraldo (2024) identificaram algumas características da transformação da identidade coletiva no cenário de dataficação. Em meio a mediações algorítmicas (Winques, 2024) e plataformização (Poell; Nieborg; van Dijck, 2020), a identidade coletiva passa a ser mais volátil, de curta duração, mais flexível, de forma que mais sujeitos participam sem demandar um envolvimento longo e duradouro. É preciso existir identidade para participação, mas não necessariamente um grande vínculo com o movimento. É necessário apenas um elemento unificador, que depois pode vir a se transformar em algo maior, uma participação efetiva ao longo dos anos, ou pode terminar ali, juntamente com a própria mobilização.

Outro aspecto apontado pelos autores é o da padronização e simplificação de identidades complexas que, para ganhar visibilidade algorítmica, adotam uma série de simbolismos pré-estabelecidos para participar do “jogo de visibilidade” das plataformas e que, por vezes, acaba demonstrando a incoerência e as disputas internas visíveis nos próprios movimentos. As duas tendências observadas sobre as transformações da identidade coletiva na sociedade das plataformas podem explicar a construção dos movimentos elencados na introdução deste trabalho. Nem sempre são oriundos de organizações estruturadas historicamente como movimentos sociais, mas ganham forma e se transformam em ações coletivas momentâneas a partir de elementos conjunturais que geram identificação dos sujeitos - por exemplo, o combate à ascensão da extrema-direita no mundo. Além disso, são, muitas vezes, potencializados pelas possibilidades de participação híbrida através do espaço territorial e do espaço digital.

Considerações: pensar o Sul Global e construir uma identidade latino-americana

Boa parte dos autores apresentados na primeira parte deste trabalho propõe abordagens metodológicas que levam em conta as particularidades dos movimentos sociais e das resistências que emergem da América Latina. A fim de materializar a noção de identidade coletiva a partir de um exemplo latinoamericano, lembramos da Organização Continental Latinoamericana e Caribenha de Estudantes (OCLAE), movimento social estudantil que organiza estudantes latino-americanos em rede. Em seus registros, é possível perceber marcas de identidades latino-americanas, a partir do resgate de figuras relevantes para a política e a cultura dos países latinos. Por meio de perfis em plataformas de mídia social, como o Instagram, a organização constrói imaginários do passado e do presente, sempre lembrando das lutas que marcaram a resistência do povo latino, das marcas colonizadoras, das desigualdades que constituem a história e ainda pautando a busca pelo reconhecimento global.

Como apontado por Martín-Barbero(2014), do mesmo modo que agrava as desigualdades, a revolução tecnológica mobiliza a imaginação social das coletividades e potencializa a participação, a articulação de sujeitos e a construção democrática. Dessa forma, as tecnicidades parecem ser utilizadas para ampliar espaço, ecoar vozes de resistência e diminuir os contrastes entre as realidades do mundo. Nesse sentido, reafirmamos a importância de produzirmos pensamentos críticos a partir de bases

teóricas e materiais que articulem a realidade da América Latina. É possível enxergar uma identidade latino-americana, que ultrapassa as noções fronteiriças e exemplifica as formas fluidas e híbridas de participar, mobilizar e construir cidadanias. No mundo tomado por dados, algoritmos e plataformas, é preciso observar os movimentos a partir de suas apropriações das materialidades e simbolismos das plataformas digitais. Por isso, o diálogo entre os estudos de movimentos sociais e os estudos críticos de plataformas são um ponto de partida para analisar as resistências na era da dataficação.

REFERÊNCIAS

- CANCLINI, N. G. **Culturas híbridas, poderes oblíquos**. São Paulo: EDUSP, 1997.
- CASTELLS, M. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2013.
- FONTES, B. **Redes sociais e poder local**. Recife: DUFPE, 2013.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. Editora Atlas SA, 2002.
- GOHN, M. G. Movimentos sociais na contemporaneidade. **Revista brasileira de Educação**, v. 16, n. 47, 2011.
- GOHN, M. da G. Teorias sobre a participação social: desafios para a compreensão das desigualdades sociais. **Caderno CrH**, v. 32, p. 63-81, 2019.
- HALL, S. Identidade cultural e diáspora. **Comunicação & Cultura**, n. 1, p. 21-35, 2006.
- MARTÍN-BARBERO, J. Diversidade em convergência. **Matrizes**, v. 8, n. 2, p. 15-33, 2014.
- MELUCCI, A. A experiência individual na sociedade planetária. **Lua Nova: Revista de cultura e política**, p. 199-221, 1996.
- MILAN, S.; BERVALDO, D. Data in movement: the social movement society in the age of datafication. **Social Movement Studies**, v. 23, n. 3, 2024.
- POELL, T.; NIEBORG, D.; VAN DIJCK, J. Plataformização. **Revista Fronteiras – estudos midiáticos**, v. 22, n. 1, p. 2-10, 2020.
- SCHERER-WARREN, I. Das mobilizações às redes de movimentos sociais. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 21, n. 1, p. 109-130, jan./abr. 2006.
- SCHERER-WARREN, I LÜCHMANN, L. H. H. **Movimentos sociais e participação: abordagens e experiências no Brasil e na América Latina**. Florianópolis: Editora UFSC, 2011.
- WINQUES, K. **Mediações Algorítmicas: articulação entre as dimensões simbólicas e materiais das tecnologias digitais**. Florianópolis: Editora Insular, 2024.